

Para além do texto: um olhar sobre a materialidade do romance *Chão dos Lobos*, de Dalcídio Jurandir

Beyond the text: a look at materiality in the novel *Chão dos Lobos*, by Dalcídio Jurandir

Gabrielly Estephany de Melo Lima
Universidade Federal do Pará
Altamira – Brasil

Fernando Jorge dos Santos Farias
Universidade Federal do Pará
Altamira – Brasil

Resumo

O artigo apresenta uma leitura acerca da materialidade presente na obra *Chão dos Lobos*, escrita por Dalcídio Jurandir. Para isso, observou-se os paratextuais presentes na 1ª edição, publicada em 1976, e na 2ª edição, lançada em 2019. Realizou-se um estudo qualitativo subsidiado nas ideias de Genette (2009), Chartier (2014) e Schapochnik (2005) quando versam sobre a materialidade dos livros. Como fontes de informações optou-se pelo diálogo com diferentes artigos além de entrevistas com colaboradores da 2ª edição. Dentre os resultados atingidos destaca-se o fato da 1ª edição apresentar em sua capa uma interligação simbólico-cultural entre a região norte e nordeste, fato esse intensificado entre os anos 60 e 70. Na 2ª edição, avistou-se um relançamento capaz de atingir os diferentes leitores a partir dos elementos presentes na obra que circulam no mercado editorial contemporâneo.

Palavras-chave: Materialidade; Fontes Literárias; Dalcídio Jurandir.

Abstract

The present work aims to present a discussion of the materiality in *Chão dos Lobos* (Land of Wolves) Novel written by Dalcídio Jurandir. In order to do it so, the paratextuals present in the 1st edition, published in 1976, and in the 2nd edition, released in 2019, were observed. As well as a qualitative study was carried out based on the ideas of Genette (2009), Chartier (2014) and Schapochnik (2005) when they deal with the materiality of books. As sources of information, we chose to dialogue with different articles, as well as interviews with collaborators of the 2nd edition. Among the results achieved, we highlight the fact that the 1st edition presents on its cover a symbolic-cultural interconnection between the North and Northeast regions, a fact that intensified between the 60s and 70s. In the 2nd edition, we saw a relaunch capable of reaching different readers based on the elements present in the work that circulate in the contemporary publishing market.

Keywords: Materiality; Literary Sources; Dalcídio Jurandir.

Considerações iniciais

O romance *Chão dos Lobos*, de Dalcídio Jurandir, foi lançado em 1976, constituindo-se no quadro de livros que foram publicados no século XX, todavia, a referente obra dalcidiana, permanece circulando até os dias atuais, ao lado de obras contemporâneas. Esse fator, de continuar sendo atual é o ponto que instiga este estudo, logo, busca-se compreender as razões e os meios que fazem a obra, publicada no século passado, ainda permanecer no contexto de edição, publicação e circulação em tempos hodiernos. Para avançarmos nesse estudo, partimos das ideias apresentadas por Chartier (2014, p. 12) quando trata da materialidade das obras literárias, destacando se tratar “das formas nas quais o texto se inscreve na página, conferindo a obra uma forma fixa, mas também mobilidade e instabilidade”.

Com essas informações, repara-se a própria complexidade do processo de publicação de um livro. A produção de uma obra não está somente em torno do autor, é para além disso, trata-se de um conjunto de relações, desde o editor ao recurso tipográfico, os revisores, ilustradores, diagramadores e outros profissionais que interligam suas produções para a construção de um livro. Uma obra, para ser entendida como um livro, na compreensão de o Genette (2009) em sua maioria é trajada por elementos para além do texto, o que ele chama de paratextos da obra: capas, títulos, ilustrações, prefácio, orelhas etc.

Com essas breves observações, caber mencionar que o romance de Dalcídio Jurandir, reeditada em 2019, foi posto em circulação juntos as obras modernas, carregado consigo uma nova identidade visual, com elementos que visam contribuir para melhor aproveitamento da obra para os leitores atuais. Já em sua primeira edição, datada de 1976, pela Editora Record, visualiza-se elementos pertinentes, alusivos a materialidade dessa obra, coisa que, em termo comparativo nos impulsiona a empreender algumas considerações. Dessa maneira, esse estudo pretende contribuir para maior visibilidade no campo produtivo de uma obra literária amazônica; e para isso, salientamos o romance *Chão dos Lobos*, obra escrita por aquele considerado por grande parte da crítica literária como um dos maiores nomes do romance na Amazônia, no século XX.

Em outras palavras, o mencionado artigo visar discutir que uma obra literária pode possuir diferentes estratégias que levam uma maior aproximação entre o leitor e o livro, tendo em vista que, existe inúmeras interferências de autores, editores e artísticas, os quais

trabalham em conjunto para garantir a circulação de uma determinada obra dentro do acervo literário e cultural (Barbosa, 2018). Com isso, o escrito visa somar para as pesquisas que incidem luz sobre a materialidade das obras, sobretudo àquelas de escritores amazônicos. Apoiados nesse parâmetro, considera-se, portanto, a fundamentação desse tipo de estudo para o domínio acadêmico e sociocultural, considerando a diversidade das atribuições editoriais, as quais são postas no livro, mas, muitas vezes, são passadas por despercebidas.

Ademais, para darmos continuidade a esse tipo de pesquisa, foi necessário utilizarmos algumas técnicas de investigação com o propósito de alcançar determinados objetivos e resultados. Assim sendo, o procedimento metodológico usado se aproximou dos estudos qualitativos, exploratórios e bibliográficos, pois, de acordo com as observações feitas Gil (2002, p. 133), estas pesquisas têm como objetivo proporcionar “muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação”. Com base nisso, a pesquisa se caracterizou por investimentos bibliográficos e documentais, com o intuito de erguer conclusões qualitativas.

Desse modo, para melhor aproveitamento das fontes materiais, foi necessário utilizar algumas técnicas, a saber: Técnica de documentação e as Entrevistas não-diretivas. Em relação ao primeiro recurso, trata-se, portanto, da “forma de registro e sistematização de dados, informações, colocando-os em condições de análise por parte do pesquisador” (Severino, 2007, p.124). Já a segunda técnica refere-se a Entrevista não-diretiva, a qual é frisada por Severino (2007, p.125) quando se “colhem informações dos sujeitos a partir dos seus discursos livres. O entrevistador mantém-se em escuta atenta, registrando todas as informações.” Diante disso, as informações adquiridas através das entrevistas, realizadas com os produtores e pesquisadores da 2ª edição do livro *Chão dos Lobos*, foram fundamentais.

Cabe ressaltar que para ofertar os direcionamentos às investigações, seguimos com estudos exploratório e bibliográfico desenvolvido com base em materiais já definidos (livros, artigos, revistas, e entre outros). Para além disso, desenvolvemos a apuração de dados a partir da perspectiva de materiais válidos, ligados aos elementos que compõem as fontes de informações baseados na materialidade do romance *Chão Dos Lobos*, presente em ambas as edições.

Assim sendo, investigamos e produzimos algumas suposições em torno das duas edições, colocando em amostra algumas das suas semelhanças e diferenças, logo, foi possível retratar a dinâmica material específica de cada livro. Por conseguinte, alcançamos determinados resultados e algumas discussões que foram de suma relevância para o seguimento desta pesquisa.

A materialidade na primeira edição de *chão dos lobos* (1976)

É possível dizer que os resultados encontrados apontam para o fato de que na primeira edição de *Chão dos Lobos*, publicada em 1976, temos uma obra elaborada para o público em geral, sobretudo para o dito “leitor comum”. Desse modo, nos deparamos com uma obra que não foi lançada especialmente para o público acadêmico, literário, para os críticos de leitura e literatura, para os conhecedores dos meandros do mercado editorial. Nesse sentido, é possível pensar que a primeira edição do nono romance dalcidiano teve a intenção abranger a todos que tivessem a oportunidade de ler a obra, sem ser necessariamente um profissional da área das letras/mercado editorial. Com isso, presenciamos um livro que pode alcançar uma coletividade.

Já na segunda edição, lançada em 2019, deparou-se com outras realidades, uma vez que, presenciamos uma reedição que alcança o público comum, mas buscou acentuar elementos paratextos, típico das edições de livros que circulam no mundo acadêmico, obras voltadas ao leitor especializado. Nessa segunda edição de *Chão dos Lobos* temos prefácio, lista de topônimos, ilustrações entre algumas partes do livro, nova estrutura de capa e contracapa. Entende-se que essas características, comuns às obras já consagradas, despertam a atenção dos jovens atuais e daqueles que fazem parte do meio acadêmico, tendo em vista que a reedição feita pela Pará.grafo Editora, proporciona algumas singularidades que contribuem para o estudo, apreciação e aprofundamento do romance supracitado.

Posto isto, quando se lançar um olhar sobre a materialidade de uma obra literária, enxerga-se às inúmeras vertentes que compõem um livro, as quais são divididas entre texto escrito; paratextos; criação visual e produção editorial. Logo, esses elementos caracterizam uma obra literária, buscando dinamizar com o contexto social vigente. Nessa perspectiva, Genette (2009, p. 9) vai dizer que:

texto raramente se apresenta em estado nu, sem o reforço e o acompanhamento de certo número de produções, verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, que nunca sabemos se devemos ou não considerar parte dele,

mas que em todo caso o cercam e o prolongam, exatamente para apresentá-lo, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais forte: para torná-lo presente, para garantir sua presença no mundo, sua “recepção” e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro.

Desse modo, não podemos considerar um texto “despido”, portanto, ele geralmente é trabalhado com um acompanhamento que o transforma, ou seja, são segmentos que fazem um texto se tornar um livro. De fato, são esses os atributos que Genette (2009), vai chamar de “Paratextos da obra”, são essas propriedades que culminam a estrutura do corpo de um livro.

Em conformidade com essa óptica, Schapochnik e Abreu (2005) afirma que existe diversas maneiras de distribuir a literatura, através da sua materialidade: cordéis, folhetos, livros, revistas, jornais e entre outras formas de concretude que vão chegar para o público. Independente do modo que é feito, essas produções terão sua repercussão, isto é, a interação entre o autor, a obra e o leitor. Além disso, há de dizer, sobre os modos de contexto da recepção, portanto, aonde chega essas obras (nas escolas, bibliotecas, teatro) e, também sua forma de circulação (como a obra é colocada em distribuição). Todos esses atributos dão vida ao percurso do livro.

Seguindo essa perspectiva, direciona-se um olhar minucioso sobre os “paratextos” presentes na 1ª edição da obra *Chão dos Lobos*, de Dalcídio Jurandir. Concluída em 1968 e publicada somente em 1976 a presente obra entra para a composição da saga dos dez romances dalcidianos, que juntos formam o ciclo do Extremo-Norte, nele se inicia a saga do personagem principal (Alfredo), um ribeirinho de Cachoeira do Arari, localizada no estado do Pará (Farias, 2019).

O romance *Chão dos Lobos* foi lançado pela Editora Record, à época considerada como umas das principais editoras do Brasil, destaca-se que atualmente não é diferente, tendo em vista que se formou um Grupo Editorial conglomerado de editoras compradas pela própria Record, tornando-se, então, o maior conglomerado editorial da América Latina. Essa renomada editora iniciou suas atividades em 1942, quando Alfredo Machado e Décio de Abreu fundaram a empresa, até então, uma distribuidora de tiras de jornal e outros serviços de imprensa. A partir dos anos 60, a Record passa a editar livros por conta própria. A título de importância, a Editora Record instigava olhares dos mais consagrados autores da literatura,

Para além do texto: um olhar sobre a materialidade do romance Chão dos Lobos, de Dalcídio Jurandir

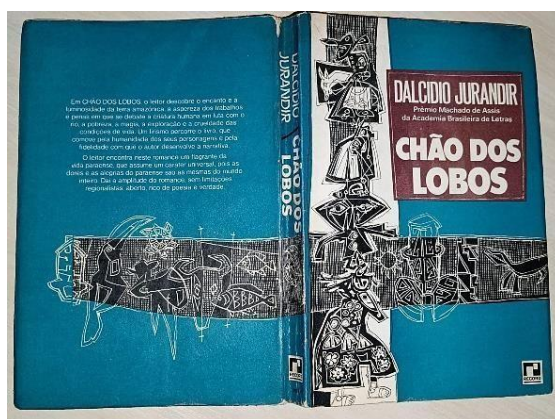
dentre eles, o romancista Jorge Amado, que ao relatar sobre a importância da indústria editorial do país:

Uma revolução na tarefa difícil de editar livros. Os tempos de hoje já não comportam nem o paternalismo dos editores nem o amadorismo dos editores, e ninguém tem concorrido tanto para liquidar tais fatores de atraso cultural quanto o diretor da Editora Record. Alfredo Machado modificou e transformou por completo a indústria editorial no Brasil. Além disso, é a mais generosa das criaturas, amigo de dedicação inexcedível (Amado, 1978, p.3).

Afirmado nesse discurso percebe-se que o escritor Dalcídio Jurandir, entregou sua obra *Chão dos Lobos* para umas das editoras mais renomeadas do Brasil, sendo vantajoso ao escolher esse caminho. Cabe dizer que a obra também encontrou certo proveito ao ser distribuída nos mais significativos centros livreiros do país, em um momento marcado pelo considerável aumento de vendas e produções no mercado editorial (Farias, 2019).

Tratando-se da construção material do livro, ou seja, adentrando na parte física do livro, percebemos que ele foi impresso com uma estrutura básica, com a capa de livro em encadernação de brochura com orelhas, mas sem dedicatória e prefácio. Em relação a identidade visual destes elementos, nota-se que, em primeiro instante, encontra-se a capa, a lombada, a orelha e a contracapa (no mercado editorial conhecida com o a quarta capa) encobertos por uma arte feita pela xilogravura, representada por alguns animais silvestres e desenhos culturais, os quais se inter cruzam.

Figura 1: Imagem da 1ª edição de *Chão dos Lobos*



Fonte: Acervo pessoal dos autores, 2024.

Com base nisso, é interessante ter um sucinto conhecimento sobre a arte da xilogravura, uma vez que, é bastante predominante na aparência do romance em questão. Desse modo, salienta-se que a xilogravura no Brasil, se popularizou primeiro na região

nordeste, e ganhou visibilidade entre as décadas de 60 e 70, logo depois essa técnica se espalhou por todo o país, sendo bastante utilizada para a Literatura de cordel. Vale frisar que, esse método de expressão da imagem é o mais antigo do mundo, sendo originado na China, datado no século V. No Brasil, a princípio as capas de cordéis eram impressas em fotografias, mas não agradou o povo, por isso houve a substituição pela xilogravura:

De origem chinesa, a xilogravura ou gravura na madeira é o mais antigo processo de reprodução de imagem. Na Idade Média, na Europa, ela imprimia as representações religiosas. No início, tinha função secundária na ilustração dos cordéis. No Brasil, a fotografia, que era muito utilizada nas capas dos cordéis, não conseguia penetrar o imaginário do povo sertanejo, sendo paulatinamente substituída pela xilogravura, que então se torna a verdadeira iconografia do fantástico (Reboulet, 2012, p. 96).

De fato, Dalcídio Jurandir, foi excepcional ao escolher a arte da xilogravura para compor a arte do seu livro. Pois, se tratava de uma época em que a região norte recebia vários imigrantes da parte nordeste do país, visto que, entre os anos 60 e 70, era o momento da construção do que se tornaria uma das maiores rodovias Brasil, conhecida como Transamazônica, projeto realizado durante o governo do presidente Emílio Médici. Nesse período, ocorreram inúmeras promessas de empregos, atraindo diversas pessoas, de diferentes localidades, as quais estavam em busca de uma oportunidade de trabalho, por esse motivo muitos nordestinos migraram para o Norte. Cabe dizer, que a intenção do projeto da Transamazônica era de conectar as duas regiões, seria uma espécie de redenção econômica e unificação de problemas sociais, os quais seriam resolvidos pela abertura da rodovia:

O governo militar toma iniciativas com o objetivo de levar crescimento econômico e populacional para a região Amazônica, a solução encontrada foi a construção de rodovias, porém a que mais se destacou foi a Transamazônica que tinha como objetivo ligar a Região Nordeste a Norte. [...] O resultado foi a não conclusão da rodovia até hoje, vilas abandonadas por falta de investimento público, solo inapropriado para agropecuária, degradação do meio ambiente, aumento da desigualdade social e violência em muitas cidades, na prática até que passou a existir a integração territorial, mas as custas de todos os fatores citados (Marinho; Dias, 2020, p. 6).

Vale frisar que essa interligação entre o norte e nordeste é espelhada na capa da 1ª edição de *Chão dos Lobos*, visto que o autor traz uma representação visual tão marcante da região nordeste. Logo, pois, o primeiro instante em que o leitor se depara com a capa do referido livro já remete a uma visão imaginária da literatura de cordel, estritamente vincula-se

ao nordeste. Seria então, esse fator, que fez Dalcídio marcar a arte xilográfica em sua obra, para demonstrar as influências predominantes entre essas duas regiões naquele período de forte conexão.

Dessa forma, ao observar a imagem presente na capa, pode-se enxergar dois traçados que se cruzam, um no sentido vertical e outro horizontal, sendo que o primeiro traço apresenta desenhos que simbolizam os costumes do povo nordestino como o boi-bumbá – festa folclore bastante predominante no norte e nordeste, além disso, presencia-se a figura do burro e o homem montado no animal, ou seja, uma emblemática representação da cultura nordestina. E se tratando dos símbolos que passam de maneira horizontal e atravessa a linha que representa as figuras nordestina, têm-se as manifestações artísticas dos animais, os quais são comuns da região amazônica, como por exemplo, a figura do pássaro, dos peixes, da tartaruga, tucano, jacaré, entre outras simbologias que podem ser uma configuração da região norte do país.

Ligados a esse parâmetro, direcionamos a atenção para a Lombada do livro, haja vista que se trata de um local estratégico, pois quando o livro é colocado na prateleira, dependendo da maneira que esteja posicionado. Será a lombada a primeira representação ilustrada do livro. Levando isso em consideração, acrescentamos que:

A lombada, local exíguo, mas de evidente importância estratégica, traz na maioria das vezes o nome do autor, o logotipo da editora e o título da obra. Aqui, uma grande querela técnica opõe os defensores da impressão horizontal e os da vertical [...] cujo argumento é a coerência dessa disposição com a posição de um livro deitado sobre sua quarta capa, que oferece à leitura ao mesmo tempo a primeira capa e a lombada; sem contar alguns casos de coexistência entre horizontal e vertical (Genette, 2009, p. 29-30).

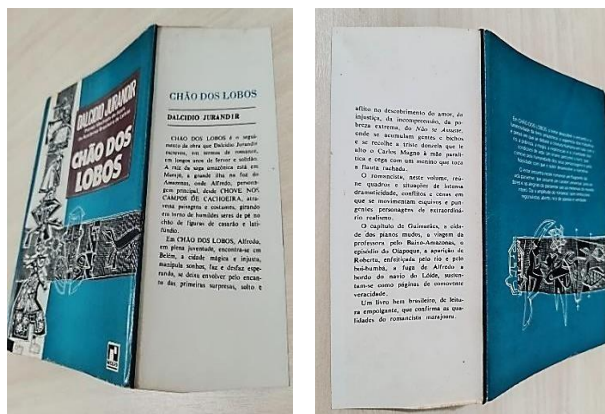
Deste modo, entende-se que a escolha da lombada não é algo avulso, e na verdade, um método válido para a praticidade do leitor durante seu cotidiano e algumas facetas são colocadas na exposição de tal estrutura. No caso da primeira edição de *Chão dos Lobos*, presenciamos o nome do autor; seguido pelo título do livro; um trecho da arte, a qual transita pela capa e contracapa; e por fim, a identificação da editora.

Figura 2: Imagem da lombada da 1ª edição de *Chão dos Lobos*.

Fonte: Acervo pessoal dos autores, 2024.

Pautando-se para o lado da representação que o romance promove, é possível compreender que um bem cultural é produzido a partir de suas práticas e representações culturais, ou seja, dois polos que dependem um do outro para germinar a cultura individual e coletiva. Um livro é, portanto, uma construção de uma prática cultural que carrega inúmeras representações culturais e sociais, o qual depois de produzido poderá gerar outras representações e práticas (Barros, 2005).

Com base nisto, entende-se a vinculação entre os paratextos e o conteúdo expresso na obra, os quais são estritamente relacionados entre si. Ao discorrer sobre isto, observa-se outro ponto interessante a respeito da primeira edição: as orelhas contidas no livro, responsáveis também por apresentar um breve exposto em torno da obra.

Figura 3: Imagens das orelhas do livro *Chão dos Lobos*, 1ª edição.

Fonte: Acervo pessoal dos autores, 2024.

A partir dessas investigações realizadas na obra pioneira de *Chão dos Lobos*, torna-se plausível dizer que as imagens falam por si, e representam de maneira quase fotográfica, a idealização do autor, seus interesses manifestos com essa produção. Além disso, é notório a dinâmica que os paratextos tem com o conteúdo exposto no romance, os quais estão vinculados em conjunto, apoiados entre si, firmam a amplitude do espelho literário deixado

por Dalcídio. Elencados a esses pontos, direcionaremos nosso estudo para a segunda edição da referida obra, lançada pela Pará.grafo Editora em 2019.

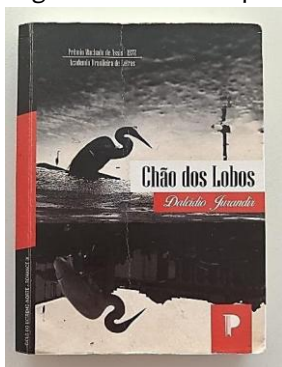
2ª edição de *chão dos lobos* (2019): aproximações entre o autor, obra e leitor

Com a missão de recolocar em circulação livros importantíssimos que passaram décadas sem novas edições, a exemplo dos livros de Dalcídio Jurandir, a Pará.grafo Editora, uma pequena casa editorial fundada em 2016 pelo editor e escritor Dênis Giroto de Brito e sediada em Bragança, nordeste paraense, resolve revigorar alguns livros dalcidianos do “Ciclo do Extremo-Norte”, dentre eles *Chão dos Lobos*. Através de campanhas de financiamento coletivo, a Pará.grafo Editora assume um compromisso nobre, que visa resgatar os clássicos amazônicos, os quais se tornaram raros por nunca terem sido reeditados.

Diante dessa questão, observamos o poder significativo que a reedições têm com o público, o qual é diversificado a cada geração, daí a importância de manter uma obra atualizada. Dessa forma, Genette (2009) defende que os paratextos não param de se modificarem conforme o tempo avança, pois, a cultura, o gênero, edições e ilustrações alteram-se no decorrer do tempo, dando a entender que não é somente o texto que sofre mudanças, mas sobretudo os paratextos.

Desse modo, é possível perceber estas mudanças na 2ª edição de *Chão dos lobos*, lançada no ano de 2019, com o livro contendo um total de 325 páginas, um prefácio que pode ser considerado como um “guia” para efeitos de melhor compreensão da obra, capítulos marcados, glossário e uma considerável lista de topônimos, a qual é responsável por apresentar nomes dos lugares e passagens da região presentes na obra. Dentro desses detalhes, podemos citar o notável trabalho que a referida editora teve ao reeditar este romance, com aspectos tão moderno que explana uma direção compreensível para os leitores atuais.

Figura 4: Imagem referente a capa da 2ª edição.



Fonte: Acervo pessoal dos autores, 2024.

É imprescindível ressaltar, alguns pontos importantes para a composição desta 2ª edição, tais como: fotografia da capa com Naiara Jinknss; as ilustrações de Tainá Maneschy; diagramação feita por Giroto Brito; a revisão por André Felipe Fernandes e o prefácio, feito pelo professor e pesquisador Fernando Farias.

Visando a organização dos elementos que envolvem a formação da materialidade presente nesta edição, torna-se relevante inserir a abordagem que articulam os elementos estruturais da obra. Diante desta discussão, é necessário, prestigiar os fatores que culminam os paratextos, a começar pela capa da obra: diferentemente da primeira edição que tem como capa uma arte denominada pela técnica da xilogravura, a segunda edição, no entanto, apresenta uma nova roupagem artística na capa, na qual é ilustrada por tons escuros em contraste com a cor preta e branca. É possível descrever que capa carrega duas visões distintas, de um lado temos a figura de uma garça (uma ave comum de ser encontrada à beira dos lagos, rios e banhados), localizada em um espaço vazio, simples e com ausência de manifestações. Do outro lado da imagem, notamos a presença de algumas casas e uma vastidão de pessoas, ainda se encontra a existência da ave, mas não com um olhar reservado ou isolado, sobretudo em meio às vertentes da vida urbana.

Esse personificado trabalho fotográfico da 2ª edição do *Chão dos Lobos* foi elaborado pela artista e pesquisadora Naiara Jinknss, a qual designa o local da foto como um lugar complexo:

Eu fiz a fotografia no Ver o Peso, na Pedra do peixe, acredito que ano era 2018. O Ver o Peso é um lugar que há anos venho documentando e pesquisando, precisamente 13 anos. O enxergo como um lugar complexo, para além da fauna e da flora, bem como, a Amazônia de modo geral, com os estereótipos, reduções e imaginário. Nos últimos 5 anos tenho usado bastante o celular para fotografar, e essa fotografia faz parte desse processo. Gosto de imaginar outras possibilidades e sempre que acho apropriado gosto de fotografar os reflexos, brincar com outras narrativas (informação verbal).

Baseado no discurso realizado pela fotografa da capa, identifica-se a atratividade da imagem com o campo ficcional presente na obra, logo, a Garça como elemento principal na simbologia da capa, espelhada no contraste como se fosse uma sombra. A garça-branca configura-se como uma ave deslumbrante, a qual conquista os olhares das pessoas, contudo é um animal que se alimenta de insetos, larvas, porém, seus modos de sobreviver não são levados em consideração, ou seja, eles não contrariam sua fama, de ser um animal belo, é vista apenas como uma ave branca, grande e formosa, diferentemente do urubu, que apesar

Para além do texto: um olhar sobre a materialidade do romance Chão dos Lobos, de Dalcídio Jurandir

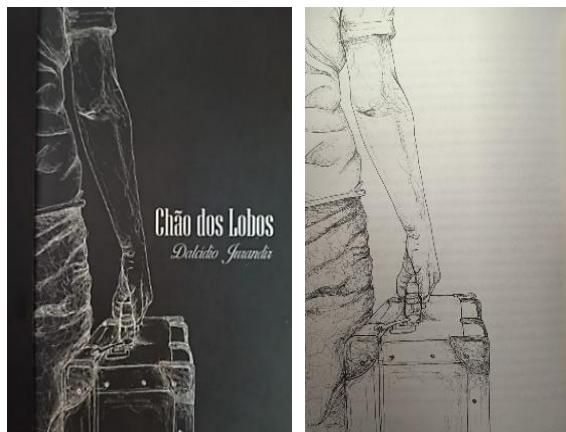
de viver quase nas mesmas circunstâncias da garça é considerado carnicheiro, feio, negro, de plumagem que trazem desgosto e aborrecimento na ótica do senso comum.

Decerto, é possível pensar que o editor foi astucioso ao decidir colocar tal fotografia na capa da presente edição, levando em consideração as aparências e o dualismo sentido que a Garça-branca pode estampar. Portanto, uma ideia de beleza, mas por dentro esconde as impurezas que ela carrega. Em hipótese, poderia ser uma elucidação do povo belenense dos subúrbios, pois, embora vivessem em situações precárias, sobrevivem dia após dia ao meio hostil:

Esse lugar, que se interliga a um mais sombrio ao fundo, chamado “Não-Se-Assuste”, equivale a um ambiente em que as pessoas se esforçam para sobreviver em “encharcados e quartinhos de madeira com magro alpendre”, alugados ao valor de 20 mil réis [...] De forma simultânea e sutil, Dalcídio molda esses seres com características capazes de contrastar suas condições, quer seja pelas atividades que desenvolvem, quer seja pelo saber, pelo conhecimento que detêm (Farias, 2019, p. 4).

Em continuidade, para além da capa, encontra-se no livro as ilustrações feitas pela artista visual e ilustradora Tayná Maneschy, dando marca às passagens de capítulos, retratando os momentos marcantes do enredo da obra, essas ilustrações estão dispostas no livro em cerca de 5 imagens.

Figura 5: Imagem da pós-capa e ilustração da página 310, de *Chão dos Lobos*, edição 2019.



Fonte: Acervo pessoal dos autores, 2024.

Com base na ilustração acima (localizada após a capa do livro), percebemos que ela vislumbra uma passagem bastante marcante na obra - Alfredo (personagem principal) com a mala na mão, indicando uma viagem. Em outras palavras, demarca a procurar de melhores condições de vida, buscas por novas experiências, seria a realização de um sonho, envolvido com o desejo de fuga, que hora ou outra também quer voltar para trás, ou seja, um

sentimento de dúvida - representando a figura do povo paraense. Sobre essas ilustrações;

Busquei criar as minhas ilustrações como uma espécie de antropofagia, colocando aquilo para fora com meus truques e minha expressão. Tentei capturar aquilo que mais falava comigo de cada trecho para representar nas ilustrações. Escolhi uma técnica que já usava, de desenhos com hachuras embaralhadas, eu sinto uma espécie de caos interno, algo que fala muito com pouco, ou uma representação do universo interno dentro de cada um de nós (Informação verbal).

Ainda tendo essa imagem como base, é possível encontrá-la também entre as últimas páginas do livro, mais precisamente na página 310, tendo como função, a representação da chegada do Alfredo, onde ele carrega na mala “todo o Pará”, “Maleta na mão, se cansou, fico na esquina, a maleta pesando, era todo o Pará que carregava” (Jurandir, 2019, p.311). Considera-se que a colocação desta imagem sendo posta no início e no final do livro transmite a ideia de ciclo, um apreço entre ir e voltar, ou seja, apresenta uma instabilidade na viagem, figurado por um caminho cheio de incertezas, elegendo assim, as características e anseios do personagem Alfredo.

Desse modo, a ilustração, juntamente, com o texto retirado do romance, carrega uma forte ligação entre o texto escrito e o trabalho gráfico da nova edição do *Chão dos Lobos*. Assim, a ilustração diz respeito, Alfredo, carregando a mala que contém “todo o Pará”, um Pará diversificado de lugares, cheio de pessoas, principalmente jovens, que desejam modificar sua vida por meio dos estudos, porém, o local em que habitam não oferece tantas possibilidades, dando a entender as diferenças dos sistemas de ensino em determinadas localidades do país.

Com base nesse segmento, a Pará.grafo Editora produz para a presente edição novas estratégias editoriais de acordo com o período atual, permitindo, assim, que a obra continuasse como referência no campo da literatura na contemporaneidade. Nesse parâmetro do *Chão dos Lobos* ser posto em circulação como uma nova versão, encerra o distanciamento temporal em relação a primeira edição com o leitor atual. A partir disso, podemos perceber a relevância das editoras em seu papel de “resgatar” obras antigas. Apoiado nisso, é relevante abordar as palavras do próprio Editor e fundador da Pará.grafo Editora, Dênis Giroto:

Essa edição do Chão dos Lobos, faz parte de um projeto de reedição de todo o Ciclo do Extremo Norte, o qual foi iniciado em 2017. Esse ciclo faz parte de um

Para além do texto: um olhar sobre a materialidade do romance Chão dos Lobos, de Dalcídio Jurandir

único projeto, o qual carrega uma identidade visual – se observar as capas e o projeto gráfico dos romances, vai perceber que eles seguem o mesmo padrão, ou seja, a mesma identidade. Quando elaboramos um projeto, convidamos um ilustrador, geralmente nortista, para ilustrar algumas cenas do romance. O livro também possui alguns conteúdos Extras: Prefácio, Glossário (com termos típicos da região nortista), e uma lista de Topônimos (para explicar algumas localidades). Sobre as capas destes livros: elas possuem uma fotografia em preto e branco, feita por um fotógrafo(a) que seja da região norte do país. A fotografia é escolhida pelo técnico da Editora e, essa imagem deve possuir algum objeto que seja representativo da cultura nortista: amazônica, marajoara e paraense. Em *Chão dos Lobos*, temos na capa um animal, a Garça, que é uma ave muito presente na nossa região, principalmente, por ser uma localidade pesqueira, com uma grande faixa de manguezais, então, a garça faz parte do cenário amazônico. Assim, a fotografia não precisa necessariamente descrever uma cena do livro, mas ela precisa retratar essa atmosfera dalcidiana, ou seja, ela deve representar o cenário amazônico. Por isso, todas as capas das novas edições do Ciclo feita pela Pará.grafo Editora, são fotografias representativas, seja pelo cotidiano da vida humana seja da vida animal, fotos estas, retratas por diversas formas e por diferentes artistas (fotógrafos). Todos estes projetos, foram feitos através de financiamento coletivo (informação verbal).

Conforme o relato acima, é possível compreender que, a proposta de resgatar obras literárias, é um trabalho bastante minucioso, o qual tem como finalidade despertar o olhar do leitor atual, conforme o período da obra relançada, dando ênfase em estratégias que alcancem esses objetivos, vistas através das novas ilustrações e, também, por meio da interação entre as imagens e o texto. Mas, além disto, é preciso ter cautela para não tirar a essência da obra original, respeitando suas diretrizes, ou seja, é importante levar em considerações os segmentos idealísticos do romance matriz. Desse modo, podemos perceber estas prudências nas obras reeditadas pela Pará.grafo Editora.

Nos dizeres de Genette (2009), o destinador da mensagem paratextual não precisa ser o produtor, ou seja, o destinador pode adquirir uma responsabilidade assumida. Assim sendo, o autor e o editor assumem a responsabilidade sob o texto e o paratexto, podendo estender a responsabilidade para um terceiro: o prefaciador. Desse modo, notamos, que diferentemente da primeira edição, a segunda, já apresenta um prefácio, o qual trás por título “Todo filho é pródigo: Bateção de pernas do flâneur Alfredo, em *Chão dos Lobos*”. Ele se faz presente nas 13 primeiras páginas do livro, está diretamente ligado às considerações de Fernando Farias, portanto, ele tece reflexões acerca da obra e do autor. De imediato o prefácio desta 2ª edição, apresenta o contexto de produção sobre o livro, posteriormente, acrescenta-se uma prévia sobre o Alfredo como um “filho pródigo” e finaliza com as

concepções em torno da obra. Durante este percurso aos poucos o leitor vai descobrindo e compreendendo a dimensão que a obra transmite: é o encanto, a luminosidade da terra amazônica, é a luta dos povos, a pobreza, a magia e para além disto.

Diante disso, percebemos uns dos pontos distintos entre as duas edições de *Chão dos Lobos*: a adição de um prefácio, um trabalho feito por um prefaciador, que através de sua prática com o texto literário cria um diálogo entre o livro e o leitor, utilizando técnicas que buscam passar informações sobre o romance, assim como informações sobre o autor, personagens, espaços, sentimentos, entre outros elementos que o prefaciador poderá pontuar, haja vista que não há um padrão para se seguir. Como se sabe, o prefácio não tem um modelo pré-estabelecido. Sua produção partirá da própria criatividade e responsabilidade (Monteiro, 2014).

Para além das estratégias internas que o próprio prefaciador utiliza ao produzir o seu texto, também devemos considerar que o prefácio é um espaço privilegiado onde o escritor poderá transferir seus conhecimentos e habilidades, as quais adquiriu ao decorrer dos anos em termos de estudos, tornando o prefácio um lugar de validação e autoridade pessoal e profissional. Seguindo esta linha de compreensão, é interessante ressaltar a aproximação estabelecida entre o autor, romance, leitor e a esfera externa marcada pelo tempo e espaço no momento da produção da obra *Chão dos Lobos*, pontos estes que são elencados no prefácio. Segundo Farias (2019), prefaciador da 2ª edição, o prefácio do romance, em questão, é subdividido por uma tríade: contexto de produção; elementos internos a obra e recepção:

Este prefácio possui três grandes centralidades: o contexto de produção, elementos da obra e a recepção, ou seja, o contexto em que a obra é gerada, a composição (texto) e a estética da recepção. Como historiador da educação, ao focar em uma determinada obra literária, penso na disposição de que é necessário entender o momento em que a obra foi forjada, tendo em vista, que os elementos internos presentes no romance estão interligados ao externo. No segundo momento, me direciono ao texto e contexto, pois, o contexto em que a obra foi gerada trás muito do próprio texto que foi escrito, ninguém escreve dissociado do seu tempo e do espaço. Além disso, acredito ser válido observar a recepção dessa obra, de quando ela foi lançada e posterior ao seu lançamento, ou seja, a recepção dos leitores nos dias atuais. [...] A noção de filho pródigo que eu estabeleço no prefácio, trata-se da personagem inserida no romance (Dona Imaculada) que tem um filho, ele vai tentar a vida na América do Norte, e essa personagem-mãe acredita que seu filho dificilmente vai se dar bem, e depois voltará para casa arrependido, ela afirma que todo filho é pródigo. Vejo que essa passagem cabe perfeitamente ao trajeto do Alfredo, pois, ele está no subúrbio de Belém, recebe ajuda de sua mãe, pega esse dinheiro e vai para o Rio de

Para além do texto: um olhar sobre a materialidade do romance Chão dos Lobos, de Dalcídio Jurandir

Janeiro, e com o tempo ele retorna humilhado, resultado do insucesso dessa tentativa. Podemos vincular esse movimento do filho pródigo no romance, com a Parábola do Filho Pródigo presente na bíblia, quando o jovem sai de casa e depois decidi voltar, e perdi perdão ao pai [...] o objetivo desse tipo de prefácio, portanto, é que o leitor não olhe somente para o enredo em si, achando que ele está desentrelaçado do contexto vívido pelo próprio autor. Em alguma medida, é possível pensar que o romance acaba sendo sintoma do seu próprio tempo, pois ele denuncia, revela e ele anuncia uma superação. Assim, ao tratamos o externo e o interno desse romance, afirmamos que nessa relação, ele acaba sendo uma fonte histórica, uma vez que, ele revela e registra muito do seu tempo (informação verbal).

Com base nesses esclarecimentos apresentados pelo prefaciador, percebemos que ele deixa claro seus interesses, influências e inspirações para a criação do trabalho. Desse modo, o prefácio foi resultado de um longo processo de estudos e pesquisa as quais fundamentaram a bagagem intelectual do pesquisador. Como historiador da educação, ele sinaliza a importância de observar a vinculação entre o texto escrito e seu contexto, a ideia de que um não está dissociado um do outro. Em virtude disso, temos um prefácio que carrega a historicidade da produção do romance, elementos internos, externos, sua recepção junto ao público da época. Ademais, temos um chamado importantíssimo escancarado no título “Todo filho é pródigo”. Como o prefaciador ressaltou, esse tópico frasal foi influência direta da personagem Dona Imaculada, uma mãe, que assim como muitas figuras maternas presentes no romance que se preocupam com a partida e ingratidões dos filhos. Esses jovens, que buscam se aventurar em outras cidades, estados, até mesmo em outros continentes, muitas vezes voltam para suas casas, frustrados pela não realização dos seus objetivos, retornam envergonhados pelo insucesso de seus empreendimentos.

É D. Imaculada, gemendo sempre, a custo chega à porta, rouca, o buço espesso, as pernas inchadonas, ai meu menino, que é um moimento dos pés à cabeça, me deu cupim nos ossos, ferrugem nas veias, e já aquela mão gelada pela alma... E a filarrose e o reumatismo e as dores na cabeça e as hemorragias e os resfriamentos e a insônia e a aflição pelo filho lá na América do Norte, pois não viajou clandestino? Lá pela América do Norte, e nem uma linha, um eco, um sinal ao menos de que também seguiu clandestino para o outro país a que vamos todos nós, não é? [...] (Jurandir, 2019, p. 94).

É interessante apontar, que esse tipo de vivências já se antecipava dentro das escrituras sagradas, sendo esse momento da narrativa um dos diferentes intertextos do nono romance de Dalcídio Jurandir. Esse bater de pernas, outrora, já era previsto, na *Parábola do Filho Pródigo*, registrada em Lucas 15:11-32. Nessa narrativa bíblica, temos a história de um

jovem que pede sua herança antecipadamente ao seu pai, sai de casa e gasta todo o dinheiro em uma vida desregrada. Quando o dinheiro acaba, ele se encontra em miséria, e decide voltar para casa e pedir perdão ao pai.

Outro ponto bastante interessante para este estudo, é a questão da revisão e do trabalho realizado pelo escritor André Fernandes. Pois, além de ter realizado as revisões da 2ª edição, ele também elaborou uma Lista de Topônimos, com o intuito de explicar localidades presentes na obra, considerando que, trata-se de um romance dalcidiano, o qual carrega o texto repleto de lugares regionais específicos, que não são conhecidos por todo o público de forma geral, por isso, a edição em questão, apresenta essa listagem (em suas últimas páginas do livro), visando a colaboração para o entendimento da obra. A respeito disso:

Adequiei o texto ao novo acordo ortográfico e também normatizei de acordo com as escolhas editoriais que fizemos na coleção, por exemplo, uniformizando algumas escolhas de grafia de nomes de alguns personagens, lugares e expressões. [...] Dalcídio usa os lugares com contexto, algumas vezes é importante para o entendimento da passagem. A pesquisa eu fiz com base nos topônimos dos livros anteriores, correlacionando, e também com bases em cartas náuticas e mapas da internet. [...] O nosso projeto tem a intenção de atender a demanda acadêmica sobre os livros do autor, mas também de ser uma ponte para o leitor comum, jovem, então enquanto o glossário, prefácio e topônimos, atendem à demanda da pesquisa acadêmica. As ilustrações e as escolhas de capa, diagramação e tipografia atendem a leitura de lazer e tiram um pouco a “cara” acadêmica do livro (informação verbal).

Afirmados nesse relato que todos os pontos que elencam a construção do livro *Chão dos Lobos* (2019), são fatores intrínsecos que fundamentam o equilíbrio entre o mundo acadêmico e o prazer de leitura. À vista disso, temos um livro que aproxima o acadêmico e o leitor moderno, sendo assim, o papel principal da Pará.Grafo editora foi trazer essas aparências e princípios para a nova edição, do nono livro que constitui o Ciclo do Extremo Norte. Evidentemente, o assinalado discurso associa o leitor comum com o público acadêmico, o prefácio, glossário e lista de topônimos, são grandes contribuintes para os estudos e pesquisas, principalmente na atualidade, uma vez que as obras dalcidianas estão cada vez mais exploradas e analisadas.

Levando em consideração a proposta inserida acima, atenta-se, que a intenção da segunda edição do referido livro é de ambientá-lo com o meio universitário, mas ao mesmo tempo, a editora pretende retirar essa aparência formalista e utiliza técnicas para obter tal

objetivo, com o emprego de ilustrações, tipografias modernas, diagramação, capa que apresenta técnicas de espelhamento, além disso, exibir cores mais usadas no cotidiano, ou seja, tons mais escuros e fechados, os quais simbolizam a discrição e particularidade, sendo assim, uma característica comum do leitor jovem. Posto isto, entende-se que todos esses parâmetros determinam uma estabilidade entre o leitor comum moderno e o campo acadêmico.

Considerações finais

Com base no estudo apresentado, foi possível perceber como a criação do livro faz parte da história do homem, desde o início a sociedade estava ligada a algum meio de comunicação, desde as escrituras sagradas, aos pergaminhos, rolos até a chegada do formato do livro atual. A respeito disso, é verídico, a interação do homem com a cultura letrada, a qual ao passar dos anos foi se modificando, atualmente, um livro não é resumido em apenas texto, é para mais que isso. Logo, quando se direciona aos discernimentos do entrelaço da produção de um livro é fundamental perceber suas diversas particularidades para sua consumação, isto é, há vários pontos que são trabalhados para termos em mão uma criação literária. Desta maneira, as obras possuem suas singularidades materialistas, com suas capas, prefácios, ilustrações, artes gráficas, revisões, glossários entre outros paratextos que fazem um texto “passar de ser apenas texto”, para enfim, se tornar um livro.

Com efeito, ao ponderar sobre um livro para além do seu texto, nota-se a significância da atividade editorial ao se produzir um livro, tendo em vista que, todos os pontos são trabalhos minuciosamente para ter cruzamentos com a intenção da obra para a sua recepção. Posto isso, uma escrita literária tem como parâmetro seu diálogo entre o autor, obra e leitores, sendo assim, o local onde essa obra será recepcionada está intrinsecamente ligada a esses eixos supracitados.

No presente romance dalcidiano também foi possível avistar a imagem do homem da Amazônia, o qual enfrenta a pobreza e as mazelas da vida diariamente, mas apesar disto, consegue produzir conhecimento, saber e cultura. Desta forma, o povo nortista, é colocado numa posição de contrariador das suas condições, enfrentam constantemente os impasses da sua própria subsistência, e, mesmo assim, carregam consigo a capacidade de discernimento e bom senso.

Em síntese, partindo do ponto de vista da materialidade presente em *Chão dos lobos*, em sua 1ª edição, observamos que os aspectos presentes na capa acarreta uma atração entre a região Amazônica e o Nordeste, em tempos em que as duas esferas geográficas estavam vivenciando uma ação política de união, aproximação, intercâmbio, podemos dizer. Assim sendo, a anunciada edição simboliza através de sua identidade visual (com o uso de técnicas xilogravadas), a aproximação dessas duas vertentes espaciais.

A edição mencionada, em suas características originais, vislumbra uma versão mais sucinta em comparação com a edição de 2019, uma vez que, não contém prefácio, nem lista de topônimos e poucas ilustrações. Desta forma, a obra lançada em 1976, pode ser lida como uma marca mais próxima do projeto original, do próprio autor, sendo ele (e o corpo editorial da Record), nitidamente perspicazes naquilo que desejavam transmitir ao seu público leitor.

Em sua nova edição, já na editora Pará.grafo, percebemos uma nova roupagem, caracterizada por inovações em seus paratextos, refinada com tom acadêmico pela adição de um prefácio, diferentes ilustrações, identidades visuais, glossário e lista de topônimos. Como resultado, é possível dizer que essa obra, lançada nos anos 70, atinge a contemporaneidade com novos elementos e instiga os novos, atuais leitores (acrescente-se aqui que a mesma versão da segunda edição ganhou seu formato em e-book, isto é, um formato digital também).

Com base nessas perceptivas compreendemos, a importância do compromisso das editoras ao elaborar trabalhos como reedições, haja vista que, são essas atividades editoriais que mantêm o ciclo da vida de uma obra literária, para que ela não seja “ultrapassada”, que não fique “obsoleta”, com o decorrer do tempo, e, principalmente, que ela continue atrativa para os leitores de cada época. Portanto, é de suma relevância essa responsabilidade de fazer um livro permanecer atual, apresentando novas identidades e aparências, sem que perca uma de suas essências: comunicar realidades aos seus leitores.

Referências

AMADO, Jorge. **Discurso na Academia Brasileira de Letras** – 1978. Disponível em: <https://youtu.be/TbRTVgflz8I>. Acesso em: 03 de ago. 2023.

BARBOSA, Raquel Cristina Baêta. Quatro versões, um autor, um texto, três ilustradores, uma ou quatro obras “é isso ali”: análise das diferenças na materialidade da obra de José Paulo Paes. In: **Anais do XII Jogo do Livro e II Seminário Latino-Americano: Palavras em Deriva**, Belo Horizonte, 2018.

BARROS, José D' Assunção. A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos, DHI/PPH/UEM**, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. Tradução George Schlesinger. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

FARIAS, Fernando. **Entrevista concedida a Gabrielly Lima**. Rede social – WhatsApp, 19 jun. 2024.

FARIAS, Fernando. Todo Filho é Pródigo: Bateção de Pernas do Flanêur Alfredo, em Chãodos Lobos (Ensaio-Prefacio). In: JURANDIR, Dalcídio. **Chão dos Lobos**. 2ª edição. Bragança: Pará.grafo Editora, 2019.

FERNANDES, André. **Entrevista concedida a Gabrielly Lima**. Rede social – Instagram, 01fev. 2023.

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIROTTTO, Dênis. **Entrevista concedida a Gabrielly Lima**. Rede social - Instagram, 31 jan.2022.

JINKNSS, Naiara. **Entrevista concedida a Gabrielly Lima**. Rede social – Instagram, 31 jan.2022.

JURANDIR, Dalcídio. **Chão dos Lobos**. 2ª edição. Bragança: Pará.grafo Editora, 2019.

JURANDIR, Dalcídio. **Chão dos Lobos**. Rio de Janeiro: Record, 1976.

MANESCHY, Tayná. **Entrevista concedida a Gabrielly Lima**. Rede social – Instagram, 17nov. 2022.

MARINHO, Nilza Lima; DIAS, Daniella Maria dos Santos. **A influência da rodovia transamazônica no processo de interligação entre a região nordeste e norte**. II encontro de pós-graduação: Unifesspa, 2020.

MONTEIRO, Maria da Conceição Silva Dantas. Considerações sobre prefácio e sua função na obra de câmara cascudo. Imburana – **revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses/UFRN**, n. 10, jul./dez. 2014.

REBOULET, Laura Bitarelli. A festa e a magia nas xilogravuras de J. Borges. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v.9, n.2, p. 91-105, nov. 2012.

SCHAPOCHNIK, Nelson; ABREU, Márcia (Org.). **Cultura Letrada no Brasil**: objetos e práticas. Campinas-São Paulo: Mercado de Letras, 2005.

SEVERINO, Antônio Joaguim. **Metodologia do Trabalho científico**. 23.ed. São Paulo, 2007.

Sobre os autores

Gabrielly Estephany Melo Lima

Graduada do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará (UFPA). Participa do Projeto de pesquisa “Leituras do Romance Chão dos Lobos, de Dalcídio Jurandir”. É integrante do Grupo de Pesquisa Fontes Literárias. Foi bolsista de Iniciação Científica UFPA-AF/2021.

E-mail: gabriellythefamelo2018@gmail.com **ORCID:** <https://orcid.org/0009-0003-9832-5435>

Fernando Jorge dos Santos Farias

Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP - 2018). Pela Universidade Federal do Pará - UFPA / Campus Altamira, atua como Professor Efetivo e Coordenador do curso de Especialização em Letras: Linguagem e Ensino.

E-mail: ffarias@ufpa.br **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-5265-8080>

Recebido em: 24/04/2025

Aceito para publicação em: 02/06/2025